

APONTAMENTOS PARA UMA ABORDAGEM INTEGRADA EM PSICOTERAPIA REICHIANA *

Ricardo Amaral Rego **

Existem muitas linhas no campo das psicoterapias reichianas, mas é relativamente raro em nosso meio encontrarmos terapeutas "puro-sangue", isto é, que só trabalham com uma abordagem e desprezam ou desconhecem as demais. O mais comum é a utilização de recursos teóricos e técnicos de origens diversas.

Na prática não é tão difícil, graças à postura difundida de considerar as várias técnicas como "ferramentas" diferentes para "consertar" problemas diversos. Fica aparentemente simples e eficiente trabalhar assim. Entretanto, ao nível da teoria a coisa é mais complicada, e dá uma certa confusão quando se tenta juntar conceitos e concepções diferentes e até opostas. Isso acaba interferindo na prática também, pois a integração das abordagens logo chega a um limite além do qual as peças do quebra-cabeça não se encaixam.

O que este artigo pretende é avançar alguns passos no sentido de ir criando um referencial teórico que possa fundamentar a compreensão e a utilização de técnicas e conceitos de origens diferentes.

Num sentido mais amplo, a integração das diversas abordagens em nosso meio chegou a um ponto em que, na minha opinião, na verdade temos uma nova linha de psicoterapia, que não tem nome e nem uma delimitação clara, mas que é praticada amplamente. E a discussão aqui pode servir também para dar um contorno mais claro a ela.

A estratégia de organização do pensamento ser partir de polaridades, numa delimitação de campos aparentemente estranhos ou antagônicos entre si, e que numa visão mais abrangente se mostram possivelmente complementares e compatíveis.

A meu ver, esta integração pode ser pensada a dois níveis: internamente e externamente ao campo reichiano.

ENTRE A BIOLOGIA E A PSICANÁLISE

Externamente, podemos partir da relação entre a biologia e a psicanálise. Freud, que era inicialmente um neurologista, tentou em seus primeiros escritos descrever seus achados em bases neurológicas no "Projeto para uma Psicologia Científica", de 1895. Segundo Strachey, alguns anos depois, no sétimo capítulo de "A Interpretação de Sonhos", quando "ele dedicou-se ao problema teórico mais uma vez - embora, certamente, jamais abandonasse a crença de que, em última análise, teria que ser estabelecida uma base física para a psicologia - o fundamento neurofisiológico foi ostensivamente abandonado" (Strachey, p. xxiv).

* Publicado na Revista Reichiana 1. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1992, p. 100-117.

** fone (11) 3283 3055

R. Alm. Marques Leão 785, S. Paulo, SP CEP 01330 – 010

E-mail ric.rego@uol.com.br

Algumas tentativas recentes (Dejours) trazem contribuições importantes, mas o problema permanece basicamente não resolvido. As chamadas psicoterapias de abordagem corporal, pela sua própria natureza, têm como que colonizado parte deste território existente entre a psicanálise e a biologia. A ênfase no sistema locomotor como fundamento para a Compreensão da conexão entre mente e corpo pode ser uma das chaves para a resolução deste problema.

Desta maneira, as psicoterapias de inspiração reichiana podem buscar fundamentação na psicanálise, retomando suas origens; e podem também assimilar informações da ciência biológica. Tecendo os fios a partir destes campos estruturados e sistematizados, talvez se possa construir uma rede que dê sustentação mais consistente às nossas práticas e aos nossos conceitos.

Passada uma fase inicial de contestação à psicanálise, parece existir quase que um consenso no meio reichiano de que ela é uma teoria que apresenta inúmeros aspectos de grande valia. Permite uma Compreensão da psicodinâmica do paciente de maneira bem mais profunda do que as teorias não-psicanalíticas. Permite a noção de processo, e sem isso a psicoterapia se torna uma sucessão de momentos terapêuticos mal-costurados entre si.

A partir da psicanálise, e utilizando uma imagem de Gaiarsa, podemos perceber a progressiva montagem de uma compreensão do ser humano tomando como base as correlações entre mente e corpo. Freud começou com um homem que possuía boca, ânus e genitais. Reich colocou pulmões, músculos, ossos, tendões, articulações, sistema nervoso autônomo, a questão do orgasmo. Estes aspectos foram depois desenvolvidos e aprofundados por Boadella, Gaiarsa, Keleman, Lowen e outros. Gaiarsa e Navarro deram-lhe olhos. Keleman dotou-o de vísceras. Gerda Boyesen trouxe a pele e os intestinos. Navarro integrou o cérebro. Gaiarsa, o cerebelo e a questão do equilíbrio. Muito ainda resta a fazer, mas não há dúvida de que um bom caminho foi já percorrido.

Muitos elementos da psicanálise têm sido incorporados ao trabalho mais propriamente reichiano. Entretanto, restam diversos pontos de conflito em aberto:

1) A questão da pulsão de morte, que foi a divergência que cristalizou a ruptura entre Freud e Reich.

2) O papel da catarse (ou ab-reação). Sabe-se que Freud logo abandonou o método catártico, e entre a maioria dos reichianos percebe-se uma grande valorização do seu papel.

3) A questão da transferência. A interrupção da comunicação visual e a "asepsia" do relacionamento analista-analisando condicionam a transferência que é estudada nos textos psicanalíticos. O *setting* reichiano (contato visual, o tocar no corpo do paciente, o paciente que pode ser também aluno ou supervisionando) delimita interferências na transferência "tradicional" que precisam ser melhor elaboradas teoricamente.

4) A regra fundamental da psicanálise: a livre associação de idéias. A compreensão freudiana da dinâmica dos processos mentais leva quase que inevitavelmente a esta técnica. A produção de material analítico nas sessões e o trabalho com sonhos e parapraxias depende basicamente deste procedimento. A ponto de Mezan colocar como divisor de águas entre o que seria psicanálise ou não o critério do uso da livre associação como recurso fundamental. Entretanto, os reichianos em geral não utilizam este procedimento como base da psicoterapia.

Além destes itens de conflito, há um outro que pode ser percebido a partir de uma questão levantada por Ricoeur. Segundo ele, nos escritos de Freud existiria "um aparente dilema: alternadamente a psicanálise se apresentar como uma explicação dos fenômenos psíquicos por

conflitos de força, portanto, como uma energética - e como uma exegese do sentido aparente por um latente, portanto, como uma hermenêutica" (p. 61). É colocada ênfase na questão ao afirmar-se que "todo o problema da epistemologia freudiana parece concentrar-se numa única questão: como é possível que a explicação econômica passe por uma interpretação que versa sobre significações e, em sentido oposto, que a interpretação seja um momento da explicação econômica" (p. 68). O autor propõe uma solução, afirmando que o ponto em que "a energética passa por uma hermenêutica e que a hermenêutica descobre uma energética ... é aquele em que a posição do desejo se anuncia num e por um processo de simbolização" (p. 67).

Na prática, vemos as psicoterapias reichianas enfatizando fortemente o aspecto energético nas suas tentativas de vinculação com a psicanálise, sendo o aspecto hermenêutico pouco assimilado. O resultado é uma dificuldade bastante comum na capacidade de simbolização, de ir além da concretude imediata, por parte da maioria dos psicoterapeutas reichianos.

Quanto à biologia, é curioso notar que as psicoterapias "corporais" estão em geral um tanto quanto distanciadas das concepções científicas sobre os aspectos biológicos e fisiológicos desse mesmo corpo. Este aparece geralmente como metáfora, como corpo imaginário ou virtual, e não como corpo concreto, real.

Freqüentemente se verifica a utilização de conceitos oriundos da biologia numa acepção que conflita com o seu sentido original. Ao lado disso, estão misturados conceitos que contradizem frontalmente o que é aceito como verdadeiro em termos científicos. A consequência é que fica-se como que ilhado do continente do conhecimento científico. Não flui o dar e nem o receber, o influenciar e o ser influenciado, levando inevitavelmente à ocupação, pelas terapias reichianas, de um lugar marginal.

Trata-se de um assunto extenso, cuja discussão detalhada não cabe no âmbito deste artigo. Àqueles que quiserem aprofundar um pouco mais este tema, remeto a um artigo já publicado sobre bioenergia (Rego).

A esta altura o leitor certamente estará se perguntando: mas se é tão complicado assim, não é melhor desistir e deixar tudo do jeito que está?

Eu digo que não, porque uma integração das diversas abordagens necessariamente passa por tais questões.

Reich e Lowen baseiam-se na concepção psicanalítica das fases de desenvolvimento psicosssexual da libido para fundamentar sua caracterologia, sua compreensão dos bloqueios corporais, sua leitura corporal, suas técnicas terapêuticas.

Boadella se utiliza de conceitos como "self", "sombra" e "máscara", que remetem à Psicologia Analítica de Jung.

Keleman por outro lado parece não se valer das psicologias profundas nas suas concepções. Fundamenta-se em conceitos fisiológicos, basicamente partindo das várias fases da reação geral de ativação do organismo (por ele chamada de reflexo de susto - *startle reflex*) frente a um desafio ou uma agressão. A partir disso, e da concepção do organismo como um conjunto de camadas de tecidos, órgãos, tubos e bolsas, ele estrutura uma tipologia, uma leitura corporal e uma técnica próprias.

Gaiarsa é outro autor que se referencia principalmente no pólo biológico, compreendendo e atuando sobre as pessoas a partir do referencial da psicofisiologia da motricidade, da propriocepção e do olhar.

Dessa maneira, fica claro que conceitos de origens tão diversas dificilmente se harmonizarão uns com os outros. Pode ser tentada uma integração por cima ou uma integração por baixo. Chamo de integração por cima a retomada do debate nas suas fontes, ou seja, a discussão entre as divergências de Freud e Jung, ou entre a Psicanálise e a Biologia, e ver o que se pode aproveitar. Tem a vantagem de já existir muita coisa pensada e escrita a respeito, mas pode ser que sejamos levados para muito longe do ponto aonde queremos chegar.

Integração por baixo seria partir das técnicas em si e alguns conceitos básicos, e construir um edifício teórico onde elas possam se abrigar adequadamente.

Um exemplo seria a questão da auto-percepção, da consciência de si. Como diz Winnicott (p. 144), a "psique ... surge como uma organização da elaboração imaginativa do funcionamento corporal". Há um pólo biológico a partir do estudo da propriocepção, dos mecanismos sensoriais de percepção do que acontece no interior de si mesmo; e um pólo psicanalítico, de compreensão dos processos e caminhos de elaboração psíquica destas sensações.

O tema é desenvolvido por Gaiarsa quanto à importância psíquica da sensorialidade relativa ao aparelho locomotor (músculos, tendões, articulações), e complementado pelas observações de Keleman na mesma direção quanto à percepção visceral (aparelhos digestivo, circulatório, respiratório etc.).

Muito se pode saber sobre si se prestarmos atenção às sensações das vísceras e do aparelho locomotor, e numerosas técnicas existem para isso: o exercício da "sanfona" de Keleman, de grande utilidade em inúmeras situações terapêuticas; os exercícios de oposição sistemática de Gaiarsa; muitos dos "actings" da vegetoterapia de Navarro; e de uma maneira mais ampla qualquer forma de trabalho corporal que solicite a atenção do paciente para o que se passa no seu interior, como por exemplo a simples pergunta "o que é que você está sentindo agora no seu tórax (ou barriga, ou quadril, ou pescoço etc.)?"

Estes procedimentos podem trazer à consciência percepções de si mesmo em estado bruto, que podem ser exploradas e elaboradas mais profundamente a partir de um referencial psicanalítico. Quase que poderíamos dizer que com o trabalho corporal caçamos o animal e o trazemos para a cozinha (consultório), e com o trabalho psicanalítico o temperamos e cozinhamos, preparando assim uma boa refeição psicoterápica.

ENTRE A BIOENERGÉTICA E A BIODINÂMICA

Internamente ao campo reichiano, começaremos pelo aparente conflito entre a Biodinâmica de Gerda Boyesen e a Bioenergética de Alexander Lowen. Gerda coloca alguns questionamentos em relação à Bioenergética:

1- Crítica o forçar e dirigir demasiadamente o processo terapêutico: "Eu estava acostumada a meu papel de parteira, de deixar virem as emoções e as ab-reações, e, de repente, eu me tornava uma espécie de monitora de ginástica" (p. 107). "Não se trata de compelir à descarga, é deixar aparecer e desdobrar-se o que está maduro" (p. 132). Comentando um caso em que a pessoa melhorou de seus sintomas com terapia bioenergética, e ao entrar em terapia biodinâmica estes reapareceram: "o problema fora simplesmente recoberto. Explico isto desta forma: o trabalho de Lowen reforça o eu-motor, e no início da sessão eu me ative a levantar de novo as defesas ... e o

conflito recalcado no inconsciente havia reaparecido na superfície" (p. 132-3). "Em algumas circunstâncias, o trabalho sobre o mesoderma e a vitalização podem mascarar as profundezas do ser" (p. 134). Segundo ela, ex-pacientes de bioenergética "colocam muita energia voluntária nos exercícios, seu nível de consciência é o do eu e eles forçam as coisas" (p. 134). "Pretender fazer chegarem muitas coisas, querer forçar, retorna no aumento do grau de encorajamento, ou mesmo na formação de uma couraça secundária, em vez de retirá-la" (p. 139).

2- A questão da dor: "Eu sou completamente contra a dor em psicoterapia e em bioenergia. Confesso que não consigo compreender porque Lowen dá valor à dor em sua análise bioenergética. Acho isto muito falso" (p. 140). Comentando o uso por Lowen de pressão forte sobre o rosto que faz gritar: "Acho que esta prática só vem reforçar as defesas, e isto me parece profundamente masoquista, especialmente se a pessoa deve permanecer de pé durante esta prática violenta - e depois agradecer ao analista. Confesso não chegar a entender o valor terapêutico de tais práticas violentas. Para mim isto é somente uma reação do momento, sem nenhuma conexão com os acontecimentos enterrados da infância" (p. 140). "Sou contra toda manipulação do corpo de um paciente que ocasione dor" (p. 140). "Para nós, o tempo da redenção pela expiação e o sofrimento deve ter fim" (p. 141).

Apesar de valorizar muitos aspectos das contribuições de Lowen, o desdobramento destas críticas vai desembocar em uma teoria, uma técnica e uma postura frente ao paciente bastante diferentes da Bioenergética.

Basicamente, uma atitude acolhedora e pouco classificatória. A valorização da massagem. Não brigar com a resistência e quebrá-la pela sobrecarga, e sim "fazer amizade" com ela e dissolvê-la através de um caminho suave. Valorização das vísceras, principalmente o tubo digestivo (psicoperistaltismo, uso do conceito de couraça visceral). Um tipo de trabalho menos dirigido e mais voltado para a liberação das manifestações espontâneas do corpo e da mente.

A meu ver, estas diferenças podem ser compreendidas a partir das analogias com as figuras do pai e da mãe, do homem e da mulher da maneira como estão distribuídos os papéis em nossa cultura.

Desta maneira, a Biodinâmica se caracterizaria por uma abordagem mais materna, a partir do paradigma "uma mãe cuidando de seu bebê". Ao longo de seu livro, em seus relatos biográficos, em sua terminologia, em suas propostas, Gerda revela a importância da oralidade em sua vida e sua obra. Daí a preocupação com as vísceras, o contato de pele, o cuidado adequado, a necessidade de uma postura amorosa e acolhedora. Tudo muito adequado ao lactente, e permitindo atuar sobre conflitos próprios desta fase, caracterizados menos por questões de motricidade e mais por questões de pele e intestinos. Momento de um ego não estruturado, de contato exclusivamente não verbal, dos conflitos da oralidade.

A mobilização sendo feita através de uma atitude feminina-materna de deixar acontecer, do reagir a partir da intuição e da emoção, com pouca ênfase na classificação e hierarquização de tipos psicológicos, com pouca organização teórica, mais a favor da espontaneidade do que do controle.

Do outro lado a Bioenergética, com um fundador homem, de caráter rígido, valorizando as questões próprias do momento em que o pai passa a ter uma significação maior. Conflitos edípicos, necessidade de enfrentar o desprazer e a frustração na busca da adaptação à realidade. Estruturação do ego e sua capacidade de ação através do comando eficiente de um sistema locomotor complexo. Ficam cada vez mais importantes os conflitos e bloqueios relacionados com a locomoção, finalizando com a estruturação do caráter e sua couraça muscular. Sair do berço, ficar em pé, em

contato com o chão, sem cair, independente, autônomo. Saber desenvolver a força, a energia, a capacidade, a potência enfim. Organizar, controlar, classificar. A palavra, a teoria e a simbolização tornando-se cada vez mais importantes.

Um esquema das diferenças pode ser visto no quadro a seguir:

	Bioenergética	Biodinâmica
família	pai	mãe
caráter do fundador	rígido	ral
atitude	classificadora	acolhedora
incentiva	independência	entrega
técnica básica	suportar carga	massagem
trabalho com resistência	quebrar pelo stress	dissolver pelo calor
princípio	força	suavidade
corpo	locomotor	pele e vísceras
trabalho	dirigido	espontâneo
exercícios	específicos	livre associação de movimentos
conflitos priorizados	edípicos	do bebê
ênfase	poder	prazer

Gerda afirma (p. 131): "nós não procuramos - pelo menos antes do fim da terapia - ajudar o paciente a encontrar seu enraizamento (grounding). Nossa terapia se desenrola a maior parte do tempo com o paciente deitado de costas". Ou seja, parece que realmente está-se priorizando as questões do bebê, do tempo em que o mundo era constituído por um (relação fusional - indiferenciação) ou dois (eu e a mamãe) personagens. Deitado, é no fim deste processo que ele começa a andar, que começa a existir o terceiro (em geral o pai), que ele vai passando do mamar (na mamãe) para o papar (que pode ser dado pelo pai ou qualquer outra pessoa que não necessariamente a mãe). Com a criança em pé, chega a vez da Bioenergética e sua ênfase no "grounding", começando onde a outra terminou..

Neste mesmo sentido, podemos fazer um paralelo interessante entre Freud e Melanie Klein, por um lado, e Reich (e Lowen) e Gerda Boyesen. Freud e Reich se detiveram principalmente nas

questões da criança depois do primeiro ano de vida, elaborando bastante sobre os temas da fase anal em diante. O que é mais ou menos óbvio, pois são homens, e conseqüentemente com pouca intimidade com o universo dos bebês. Caberia, portanto, às mulheres desvendar esse terreno, e foi o que Klein fez na área psicanalítica e Boyesen na área reichiana. Curiosamente, até em alguns pormenores elas se assemelham: nascidas no continente, projetaram-se principalmente a partir do trabalho realizado em Londres; divorciadas, alcançaram notoriedade com o sobrenome dos ex-maridos; conviveram com filhas dos mestres (Anna Freud e Eva Reich) que se dedicaram a áreas próximas porém sem tanto destaque.

Há os que preferem a abordagem mais paterna, e os que preferem a abordagem materna. Eu prefiro as duas se complementando.

O pai sem a mãe fica muito duro, esquemático, classificador, autoritário, castrador da espontaneidade e do prazer, intolerante, não-amoroso, impositivo, impiedoso, cruel. Excessivamente frustrador.

A mãe sem o pai fica muito frouxa, sem eixo, sem força, sem direção, excessivamente permissiva, com medo de lidar com o desprazer, impossibilitada de romper a dependência do filho para este poder crescer. Falta-lhe a capacidade de suportar a realidade e a dor nela existente.

Deixe-se bem claro que estamos falando aqui de grandes moldes, de uma divisão cultural de papéis. É óbvio que existem pais e terapeutas homens mais "maternos" no sentido acima, e vice-versa. Talvez fosse mais neutro (e mais apropriado) usar um referencial como o do taoísmo (Yin e Yang), mas essa discussão fica para uma outra vez.

Tal polaridade não se esgota nestas duas abordagens. Elas servem mais como referenciais de um tipo de compreensão, por apresentarem em estado quase puro cada um dos pólos. Pensando nas várias linhas, cada uma tem recursos para lidar com os vários tipos de conflitos e bloqueios, mas é nítido que existem os pontos fortes e os pontos fracos em cada uma. Podemos tentar encaixá-las neste referencial de considerar as especificidades do que poderíamos chamar (num sentido amplo) de fase oral e fase pós-oral.

No trabalho de questões relacionadas ao primeiro ano de vida, há uma complementaridade entre as contribuições de Melanie Klein, Gerda Boyesen e Federico Navarro. As concepções psicanalíticas de Klein são substanciadas e corporificadas através das concepções, das técnicas, das atitudes e do "setting" desenvolvidos por Boyesen e Navarro. Boyesen trazendo a questão do toque, da massagem, do contato com a pele como questão básica do bebê (ver *Tocar*, de Montagu); a preocupação constante com o tubo digestivo e o psicoperistaltismo; a valorização de um "setting" acolhedor em determinadas situações.

A psicoterapia não se destina a realizar desejos, mas sim a conscientizá-los. Entretanto, um ambiente emocional caloroso e acolhedor é muitas vezes fundamental para permitir o desenvolvimento de uma semente que se retraiu muito precocemente. Neste sentido, fica muito forte a imagem de Gerda que refaz com seu estetoscópio um substituto terapêutico do cordão umbilical, como bem indicou Kignel (ver artigo nesta Revista), permitindo um contato com conteúdos e necessidades muito além das palavras.

Navarro contribuindo com a criação dos "actings" dos primeiros níveis (ocular, oral, cervical), fundamentais para o desbloqueio físico e psíquico destas áreas, com a conseqüente elaboração dos conteúdos relacionados com os conflitos do primeiro ano de vida.

Indo mais além, podemos integrar todo o desenvolvimento da questão do prazer na psicoterapia feita por Gaiarsa, que tem muito a ver com as questões dessa fase.

Do outro lado, existem as abordagens que remetem principalmente aos temas "pós-orais". Podemos incluir aqui as contribuições da Bioenergética, como o trabalho de vitalização, de *grounding*, de trabalhar com stress e sobrecarga, a atuação direta e dirigida sobre a couraça muscular. Na mesma direção, as técnicas de trabalho com a musculatura desenvolvidas por Keleman e Navarro, e muitos dos "actings" de Navarro. Tudo isso responde bem às necessidades de desbloqueio e desenvolvimento desta fase. O desprezo das mesmas pode levar ao resultado de criar eternos bebês: chorões, dependentes, incapazes.

É lógico que o caráter do terapeuta vai determinar sua escolha de uma linha. Mas, qualquer que ela seja, é importante dar-se conta das suas implicações, de seus alcances e limitações. Isso permite complementar e cobrir as deficiências utilizando recursos de outras fontes.

ENTRE A AMEBA E A MINHOCA

Existem abordagens que podem dar um eixo a uma compreensão abrangente e integrada. Num pólo "biológico" estaria Keleman e seu conceito de camadas, basicamente: 1- vísceras; 2- músculos, ossos, articulações; 3- pele, sistema nervoso e órgãos dos sentidos. Num outro pólo, mais "psicanalítico", estaria a sistematização feita por Navarro do trabalho reichiano, através do trabalho nos diversos níveis da couraça muscular, dividida no sentido longitudinal. Ao abranger teórica e tecnicamente elementos de ambos os aspectos (oral e "pós-oral"), podem servir como referencial, como eixo a partir do qual se agreguem elementos de outras abordagens.

Mas aí, além da polaridade biologia-psicanálise, somos remetidos a uma outra, a que poderíamos chamar de o "homem-minhoca" versus o "homem-ameba".

O "homem-minhoca" é relativo à visão reichiana que enfatiza a segmentação longitudinal na abordagem dos bloqueios. Encontramos uma teoria estruturada e técnicas eficazes para trabalhar deste modo em Reich e Navarro, e em certa medida em Keleman também, com seus conceitos de bolsas e diafragmas.

O "homem-ameba" diz respeito à abordagem que prioriza a questão centro-periferia, como a encontrada principalmente na Bioenergética (veja-se por exemplo os diagramas dos caracteres utilizando a estrela de 6 pontas), que permite entre outras coisas desenvolver técnicas para trabalhar a musculatura da coluna, como os arcos. Na concepção do "homem-minhoca" a abordagem da couraça da musculatura paravertebral fica prejudicada, pois esta percorre de maneira indivisível todo o tronco, envolvendo praticamente todos os segmentos.

Na visão do "homem-minhoca" somos levados a enfatizar mais as partes do corpo, e a aprender a trabalhar de maneira organizada, detalhada e sistemática com cada uma. O "homem-ameba" induz a uma abordagem mais global, priorizando a relação das partes entre si.

Neste caso também fica fácil enxergar uma complementaridade, e parece que estas duas maneiras de enxergar a pessoa, se integradas, permitem compreender o ser humano e seus processos energéticos tanto a nível do detalhe como do geral, percebê-lo nas suas características de expansão-contração (centro-periferia) e estruturação ao longo de um eixo longitudinal (coluna vertebral), e trabalhá-lo tanto de uma forma sistemática, que não deixe passar questões fundamentais em branco, como de uma maneira global que permita visualizar os bloqueios mais importantes em cada momento.

CONCLUINDO

Como se vê, muito existe por ser feito se quisermos continuar neste caminho de integração. Necessariamente ser um trabalho de equipe. Primeiro, porque é praticamente impossível alguém dominar profundamente todos os ramos de psicoterapia reichiana e neo-reichiana, além da psicanálise, psicodrama, psicologia analítica de Jung, Gestalt e outros. Assim, será necessária a contribuição de especialistas de cada área para se chegar aonde pretendemos.

Segundo, porque uma boa parte desta integração já está feita na prática e é necessário resgatá-la. Pelo que vejo, a maioria dos psicoterapeutas reichianos em nosso meio vem fazendo uma síntese pessoal das várias abordagens, aprendendo a usá-las de maneira conjunta, ou então separadas em casos diferentes, ou momentos diferentes de um mesmo caso. Em cursos de formação de psicoterapeutas dos quais participo como professor (Sedes e Ágora), várias abordagens são ensinadas, com ênfase na possibilidade de integração entre as mesmas. Também no Grupo de Estudos Reichianos Aplicados, do qual faço parte da coordenação, a proposta é desenvolver um trabalho que articule as várias linhas reichianas de maneira coerente entre si e com abertura para outros campos, como a teoria psicanalítica.

Se for possível trocarmos entre nós toda esta experiência acumulada, e colocá-la em palavras, é bem provável que se avance um bom tanto na proposta de integração de abordagens.

Desta maneira, acredito que possamos chegar a uma concepção mais abrangente, que permita a compreensão de que cada linha psicoterápica específica representa uma contribuição, que cada uma é um caso específico que enfatizou e priorizou um determinado aspecto, e que agora pode ser assimilada - sem prejuízo de sua riqueza - em um todo que é amplo o suficiente para também abarcar as demais. Um todo operacional quanto ao trabalho clínico, e que represente também um edifício habitável pela razão, permitindo a integração e a troca com outros ramos do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOADELLA, D. - **Correntes da Vida**. Summus, São Paulo, 1992.

_____ - **Transferência, Interferência e Ressonância**. In Cadernos de Psicologia Biodinâmica no. 3. Summus, São Paulo, 1983.

BOYSEN, G. - **Entre Psique e Soma**. Summus, São Paulo, 1985.

DEJOURS, C. - **O Corpo entre a Biologia e a Psicanálise**. Artes Médicas, Porto Alegre, 1988.

GAIARSA, J. A. - **Reich 1980**. Ágora, São Paulo, 1982.

_____ - **Couraça Muscular do Caráter**. Ágora, São Paulo, 1984.

KELEMAN, S. - **Anatomia Emocional**. Summus, São Paulo, 1992.

_____ - **Padrões de Distresse**. Summus, São Paulo, 1992.

LOWEN, A. - **Bioenergética**. Summus, São Paulo, 1982.

_____ - **O Corpo em Terapia**. Summus, São Paulo, 1977.

MONTAGU, A. - **Tocar**. Summus, São Paulo.

- MEZAN, R. - Psicanálise e Psicoterapia. In **Psicanálise e Psicoterapia** - Caderno da IV Jornada Interna do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1982, p. 19-38.
- NAVARRO, F. - **Terapia Reichiana** I e II. Summus, São Paulo, 1987.
- REICH, W. - **Analisis del Character** 5a. ed.. Paidos, Buenos Aires, 1975.
- REGO, R. A. - **Conceitos de Bioenergia**. São Paulo, mimeo, 1991.
- RICOUER, P. - **Da Interpretação**. Ensaio sobre Freud. Imago, Rio de Janeiro, 1977.
- STRACHEY, J. - Introdução do Editor a A Interpretação de Sonhos. Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas** de Sigmund Freud, vol. IV 2a. ed., Imago, Rio de Janeiro, 1986, p. xvii-xxix.
- WINNICOTT, D. W. - **Da Natureza Humana**. Imago, Rio de Janeiro, 1990.